

A vitória de Donald Trump e suas implicações para os mercados

Contrariando as pesquisas, previsões e até mesmo o consenso de mercado, o candidato republicano Donald Trump venceu as eleições presidenciais norte-americanas e será o 45º presidente dos Estados Unidos. Com uma votação total de 289 delegados a favor, contra 218 delegados que votaram na candidata Hillary Clinton, a vitória de Trump representa mais um relevante e inesperado acontecimento político em 2016 (lembrando o caso “Brexit” em junho desse ano). Porém, não vamos discutir sobre os motivos para essa decisão e sim sobre as possíveis implicações para os mercados financeiros de uma forma geral.

Em seu discurso de vitória feito na manhã desta quarta-feira (09/11), Trump tranquilizou um pouco os mercados adotando uma postura branda e conciliadora, postura esta muito diferente daquela praticada em sua campanha, levantando assim uma primeira grande dúvida: Qual será o real Donald Trump? O da campanha ou o do discurso desta quarta-feira?

Ainda é cedo para responder a essa questão, então vamos nos concentrar em apontar quais eram suas principais propostas:

- Renegociar ou até extinguir acordos comerciais como o NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte) e o TPP (Acordo de Cooperação Transpacífico);
- Aplicar tarifas de 35% às importações de produtos mexicanos e 45% aos produtos chineses, visando proteger as empresas e os empregos do país;
- Política de corte de impostos corporativos de 35% para 15%;
- Aumento nos gastos públicos com investimentos em infraestrutura;
- Revogação do *Obamacare* e criação de um novo modelo para o sistema de saúde no país;
- Forte política contra imigração ilegal no país;
- Renegociação do acordo nuclear entre EUA e Irã.

Dentro desses dois possíveis “Trumps”, um mais brando (como de seu discurso de vitória) e outro mais agressivo (como o de sua campanha), acreditamos que o candidato deverá adotar uma postura mais firme em relação aos acordos comerciais internacionais, o que tende a prejudicar principalmente as relações com o México e o Canadá, países esses participantes do NAFTA. Cabe destacar que nos EUA o presidente não precisa de autorização do congresso para alterar tratados internacionais. A China é outro país que deve sofrer um impacto negativo com a vitória do republicano, principalmente com a taxa sobre seus produtos importados, porém nesse caso esperamos uma negociação muito mais complicada. Atualmente a China é o maior detentor de títulos de dívida norte-americanos (cerca de US\$ 1,4 trilhão em títulos do Tesouro dos EUA), o que traz para o país um poder de barganha gigantesco para futuras negociações.

Com importantes vitórias também no Senado (51 cadeiras dos republicanos versus 47 dos democratas) e na Câmara (236 dos republicanos contra 191 dos democratas), Trump deve ter um maior apoio para aprovar sua nova agenda fiscal, com relevantes cortes de impostos, aumento nos gastos com infraestrutura e um novo modelo de saúde. Como consequência deveremos ter uma deterioração no quadro fiscal dos EUA, com queda na arrecadação

e aumento no endividamento, o que deverá elevar a curva de juros futuros do país e aumentar a inflação no médio prazo. Para o longo prazo, acreditamos que um quadro de deterioração fiscal com aumento de inflação tende a pressionar negativamente o crescimento dos Estados Unidos.

Em relação à política monetária, o mandato da atual presidente do FED Janet Yellen tem vigência até o início de fevereiro de 2018 e por legislação o presidente da república não pode alterar essa cadeira, a não ser que Yellen renuncie. É importante destacar que não acreditamos num cenário base de renúncia de Janet Yellen da presidência do FED. Porém, ainda no tema de política monetária, acreditamos que essa vitória de Trump pode atrasar os planos do banco central norte-americano de elevar as taxas de juros na reunião a ser realizada em dezembro de 2016, o que tende beneficiar países emergentes, como o Brasil. Os dados econômicos a serem divulgados no mês de novembro serão muito importantes para essa decisão. *Let's wait and see.*

Em relação ao Brasil, acreditamos que por sermos uma economia relativamente fechada, os impactos desse evento serão pequenos no médio/longo prazo, porém devemos ter volatilidade no curto prazo, principalmente por estarmos na “caixinha de emergentes”. A saída de fluxo de investimentos globais de ativos considerados como de maior risco (como o Brasil) tende a trazer um movimento de desvalorização do real, aumento nas curvas de juros futuros e pressão sobre a bolsa de valores nesse curtíssimo prazo (movimento visto no mercado nesta quarta-feira). Porém, seguimos confiantes no médio/longo prazo para uma recuperação dos preços de ativos e de uma volta no fluxo de investimentos ao Brasil, uma vez em que o país pode se demonstrar uma boa opção de investimentos em um cenário de elevada liquidez internacional.

De uma forma geral, acreditamos que a vitória de Donald Trump é um evento que traz incerteza aos mercados e vai ser um grande teste para demonstrar a força ou fraqueza das instituições norte-americanas. Tendo o protecionismo dos EUA no longo prazo como uma relevante ameaça à economia global, acreditamos que a elaboração de um portfolio balanceado e diversificado é a melhor alternativa para se atravessar esses momentos de instabilidade nos mercados.

São Paulo, 09 de Novembro de 2016